

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTORICO
E
GEOGRAPHICO BRASILEIRO

1840.

PROGRAMMA

SORTEADO NA SESSÃO DE 24 DE AGOSTO DE 1839.

«Qual seria hoje o melhor sistema de colonizar os Indianos entrados em nossos sertões; se conviria seguir o sistema dos Jesuitas, fundado principalmente na propagação do Christianismo, ou se outro do qual se esperem melhores resultados do que os actuais.»

Desenvolvida na Sessão de 25 de Janeiro de 1840 pelo Conego J. da C. Barbosa, Secretário Perpetuo do Instituto.

O ponto, de que hoje nos ocupamos, é de certo interessante á prosperidade do Brasil, e assim tambem á de outros Estados, em cujas matas vagam milhares de Nações indígenas, privadas dos cofumodos da civilisação. O escriptor que apresentasse um plano bem concertado, para trazer ao gremio da nossa sociedade tantos homens perdidos para ella, mereceria uma estatua, ainda com mais justica do que esses affortunados que descobriram tão vastos paizes. Eu não pretendo a gloria de tocar a moça em tão difficult carreira; e, posto que a filantropia e patriotismo me levem a meditar circumspectamente sobre tão nobre assumpto, confesso todavia que a sua dificuldade sobrepuja as minhas forças, quebra-me o animo, e só por enetar uma discussão, que nos possa dar honra, dando occasião ao desenvolvimento de novas e mais luminosas idéas dos nossos sabios consocios, exporei os meus sentimentos, e o resultado dos meus estudos sobre esta matéria.

Sou de opinião que a cathequese é o meio o mais

efficaz, e talvez unico, de trazer os Indios da barbaridade de suas brechas aos commodos da sociabilidade.

Apoia-se esta minha opiniao em muitos factos da Historia do Brasil; e posto que nelles figurem particularmente os Jesuitas, quererei que delles se colha o melhor de suas Missões, rejeitando-se a influencia politica, que se arrogavam, e que foi causa de muitos transtornos no sistema da civilisação dos indigenas, e até mesmo de sua final expulsão.

Para prova de que a cathequese é um meio efficaz da civilisação dos nossos barbaros, citarei argumentos filologicos, extraídos de muitas obras, impressas e manuscritas, sobre as Missões no Brasil. Lembrarei em primeiro lugar o que escreverá o grande Padre Antonio Vieira, no anno de 1660, sobre as Missões do Ceará, Maranhão, Pará, e Rio das Amazonas, dando contas a El-Rei de seus trabalhos Apostólicos. Não pôde ser desprezado o testemunho deste sabio varão, que tanto se revelara sempre em sustentar a causa da civilisação e liberdade dos indigenas; elle fala a El-Rei com o coração sobre os labios, e inflammando d'aquele zélo que o arrancaria das delícias de uma Corte, em que tanto figurava pelo seu grande saber, para as asperezas de incultas brechas, onde foi vítima de infinitas privações, e de amargos desgostos. Transcreverei suas palavras em abono da minha opinião.— «O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, por que é grande o numero d'almas de innocentes e adultos, que d'entre as mãos dos Missionarios, por meio do baptismo, estão quotidianamente voando ao Céo, sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros Sacramentos, nos deixem também certas esperanças de que se salvam. Porque se bem ha outras Nações de melhor entendimento para perceber os misterios da Fé, e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da Lei de Christo; não ha porém Nação alguma no mundo, que ainda naturalmente esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos della, ou seja dos que traz consigo a natureza, ou dos que acrecenta a malicia. Estes são os fructos ordi-

« narios que se colhem, e vão continuando nestas Missões, em que há casos de circumstâncias mui notáveis, « cuja narração, e história se oferecerá a Vossa Magestade, quando Deos, e Vossa Magestade fôr servido de « que temhamos mãos para a seára, e para a penha. — »

Viriam a nosso proposito muitas notícias, comunicadas da Bahia, de Pernambuco, do Espírito Santo, do Rio de Janeiro e de S. Vicente, pelos respeitáveis Missionários Jesuitas Manoel da Nabreja, Affonso Braz, Francisco Pires, Leonardo Nunes, Pero Correia, e que se leem na collecção manuserípta das cartas sobre a Missão do Brasil, que foi da casa de S. Roque em Lisboa, e hoje é da Bibliotheca Pública do Rio de Janeiro; mas eu temo enfadear-vos com esses extractos, e posso bem assegurar-vos que ellos concordam na doutrina de que os Indianos do Brasil mais se domesticam pela cathequese do que pelas armas. Com tudo, para melhor desenvolvimento desta verdade, cumpre lembrar que quasi todas as Nações Indias, encontradas nas terras comprehendidas entre o Amazonas e o Prata, se devem considerar como compostas de homens apenas saídos das mãos da natureza: acostumados a sustentar-se dos fructos que encontraem em suas divagações, da caça e da pesca, onde mais abundantes se lhes oferecem, sem domicilio certo, sem patria, sem leis, sem vestígios de qualquer civilisação. A passagem repentina, por tanto, de uma tal gente para o estado social, que supõe muitos annos de observações e de experiência, deve ser quasi impossível, e até mesmo fatal, porque as relações, em que estão os povos civilizados, assentam sobre bases que totalmente fallam aos nossos indígenas; seus raciocínios são tão curtos como suas necessidades; seus hábitos de vida errante e selvagem tem formado nelles como uma nova natureza, difícil de vencer-se. Que cumpre pois fazer em tal caso? Aproveitar, do modo possível, e com toda a prudencia, esse filhos das brenhas, proporcionando-lhes um trabalho compatível com os seus hábitos de vida, e empregando ao mesmo tempo o maior desvelo na educação de seus filhos, nos quens se deve firmar a maior esperança da desejada civilisação.

Para uma tal empreza a razão, conduzida por milhares de exemplos, que a Historia nos offerece, pôde descobrir e combinar meios que honrem a humanidade, e refutem as idéas de alguns escriptores, alias respeitáveis, que, desesperando da civilisação dos indigenas, aconselham a sua total destruição. Não podemos lér sem magoa o que tem escripto e até mesmo praticado muitas pessoas que assim tem declarado guerra de extermínio aos pobres indigenas; e ainda que a violencia os tenha feito retroceder ás brenhas e sertões, muito diminuidos em suas tribus, com tudo ainda restam indigenas bastantes para se lembrem de que são seus declarados inimigos os que lhes roubaram o paiz e a liberdade, e que abusando da sua simpleza, lhes pagaram os serviços e a hospedagem com maós tratamentos, perfidias, e morte. Nas suas festas, em certas estações do anno, elles sabém recordar em canticos os motivos de sua aversão aos invasores de seu paiz. Falto de escripturas, mas não privados de memoria, valem-se desta tradição oral para passarem a seus filhos e a seus netos sentimentos de vingança que nunca perdem; e se a nossa força offerece suficiente barreira, nos logares povoados, á sua brutal inundação, ainda assim ella não pôde valer ás fazendas disseminadas, que por muitas vezes tem sido pasto de sua furiosa vingança.

Eis pois um motivo assaz poderoso para se cuidar afincadamente em se destruir o principal obstáculo á civilisação dos Indios; elle consiste nas justas desconfianças que os nossos ambiciosos predecessores plantaram nos corações de taes homens, podendo dizer-se que elles tem sido mais religiosos em cumprir as suas promessas e alianças, do que nós que os temos quasi sempre considerado ou como feras, ou como homens só criados para nos servirem de bestas de carga. Nem vos seja pesado que eu ainda vos lembre a este respeito o que diz o grande Padre Antonio Vieira, e que servirá agora de confirmar a minha opinião sobre a urgente necessidade de se dissipar a funesta desconfiança, em que vivem os indigenas para comnosco, operação esta que bem se pôde conseguir pela cathequese.

— «Em o dia de Natal (relata o grande Vieira na exacta ha pouco mencionada) do mesmo anno de 1658 «despachou o Padre dous Indios principaes, com uma «carta patente sua, a todas as Nações dos Nheengaibas, «na qual lhes segurava, que por beneficio da nova «lei de V. Magestade, que elle fôra procurar ao Reino, «se tinham já acabado para sempre os captiveiros in-«justos, e todos os outros agravos que lhes faziam «os Portuguezes; e que em confiança desta sua palavra «e promessa, ficava esperando por elles, ou por recaudo «seu, para ir ás suas terras; e que em tudo o mais «dessem credito ao que em seu nome lhes diriam os «portadores daquelle papel. Partiram os embaixadores, «que tambem eram de Nação Nheengaibas, e partiram «como quem ia ao sacrificio (tanto era o horror que «tinham concehido da fereza daquellas Nações, até os «de seu proprio sangue), e assim se despediram, di-«zendo, que se até o fim da lua seguinte não tornassem, «os tivessem por mortos ou captivos. Cresceo, e min-«guon a lua aprasada, e entrou outra de novo, e já «antes deste termo tinham profetizado o mau successo «todos os homens antigos e experimentados d'esta con-«quista, que nunca prometteram bom effeito a esta em-«baixada; mas provou Deus que valem pouco os direursos «humanos onde a obra é de sua providencia. Em dia «de Cinza, quando já não se esperavam, entraram pelo «collegio da Companhia os dous embaixadores vivos, «e muicontentes, trazendo consigo sete principaes «Nheengaibas, acompanhados de muitos outros Indios «das mesmas nações. Foram recebidos com as demon-«strações de alegria e applauso, que se devia a taes «hospedes, os quaes depois de um comprido arrazeado, «em que desculpavam a continuaçao da guerra passada, «lançando toda a culpa, como era verdade, á pouca fé, «e razão que lhe tinham guardado os Portuguezes, con-«cluiram dizendo assim: mas depois que vimos em «nossas terras o papel do Padre grande, de que já nos «tinha chegado fama que por amor de nós, e da outra «gente da nossa pelle, se tinha arriscado ás ondas no «mar alto, e alcançado de El-Rei para todos nós as

«cousas boas; posto que não entendemos o que dizia o dito papel, mais que pela relação destes nossos parentes, logo no mesmo ponto lhe demos tão inteiro credito, que esquecidos totalmente de todos os agravios dos Portuguezes, nos vimos aqui metter entre suas mãos, e nas boas das suas peças d'artilharia, sabendo de certo que debaixo da mão dos Padres, de quem já de hoje adiante nos chamemos filhos, não haverá quem nos faça mal. Com estas razões tão pouco barbaras desmentiram os Nheengaibas a opinião, que se tinha de sua fareza e barbaria, e se estava vendendo nas palavras, nos gestos, nas acções e afectos, com que fallavam, o coração, e a verdade do que diziam. Queriam o Padre logo partir com elles a suas terras; mas responderam com cortezia não esperada que elles até aquelle tempo viviam como animaes do mato debaixo das arvores, que lhes dessemos licença para que logo fossem descer uma aldeia para a beira do rio, e que depois que tivessem edificado casas, e Igraja, em que receber ao Padre, então o viriam buscar muitos mais em numero, para que fosse acompanhado como vinha signalando nomeadamente que seria para o S. João, nome conhecido entre estes gentios, pelo qual distinguem o inverno da primavera. Assim o prometteram, ainda mal eridos, os Nheengaibas, e assim o cumpriram pontualmente; porque chegaram ás aldeias do Pará cíneo dias antes da festa de S. João com dezesseis canoas, que com treze da nação dos Combocas, que também são da mesma ilha, faziam o numero de trinta; e nellas outros tantos principaes acompanhados de tanta e boa gente, que a fortaleza, e cidade se pôz secretamente em armas—»

Omittindo, por brevidade, outras muitas reflexões interessantes do mesmo zeloso Missionario, julgo dever citar ainda um facto acontecido com elle, a que bem claramente prova que enquanto não formos de boa fé para com os Indios, e enquanto não cumprimos religiosamente as promessas de nossas alianças, e os preceitos de tantas leis em beneficio dos Indios, não dissiparemos a fatal desconfiança em que vivem, e que

os faz estar sempre apparelhados para se vingarem de tantas perfidias nossas. O facto, que vou transcrever, fala bem claramente em abono do que digo, e é tambem extraido da mencionada carta do grande Padre Antonio Vieira. — «Depois da missa, assim revestido «nos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma practica «a todos em que lhes declarou peus interpretes a di-
«gnidade do lugar em que estavam, e a obrigaçao que
«tinham de responder com limpo coração, e sem engano
«a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar in-
«violavelmente depois de prometido. E logo fez per-
«guntar a cada um dos principaes, se queriam receber
«a fé do verdadeiro Deus, e ser vassallos de El-Rei
«de Portugal, assim como o são os Portuguezes, e os
«outros Indios das Nações Christãs, e avassaladas,
«enjos principaes estavam presentes; declarando-lhes
«juntamente, que a obrigaçao de vassalos era haverem
«de obedecer em tudo ás ordens de S. Magestade, e ser
«sujeitos a suas lsis, e ter paz perpetua e inviolavel
«com todos os vassallos do mesmo Senhor, sendo ami-
«gas de todos os seus amigos, e inimigos de todos
«seus inimigos, para que nesta forma gozassem livre
«e seguramente de todos os bens, commodidades, e pri-
«vilegios, que pela ultima lei do anno de 1655 eram
«concedidas por S. Magestade aos Indios deste estado.
«A tudo responderem todos conformemente que sim;
«e só um principal chamado Piyó, o mais entendido de
«todos disse, que não queria prometter aquillo. E como
«ficassem os circunstantes suspensos na differença não
«esperada desta resposta, continuou dizendo: que as
«perguntas, e as praticas que o Padre lhes fazia, que
«as fizesses aos Portuguezes, e não a elles, porque elles
«sempre foram fiéis a El-Rei, e sempre o reconhece-
«ram por seu Senhor desde o principio desta conquista,
«e sempre foram amigos e servidores dos Portuguezes, e
«que se esta amizade, e obediencia se quebrou e inter-
«rompeu, fôra por parte dos Portuguezes, e não pela
«sua; assim que os Portuguezes eram os que agora ha-
«viam de fazer, ou refazer as suas promessas, pois as
«tinham quebrado tantas vezes, e não elle, e os seus,

«que sempre as guardaram. Foi festejada a razão do barbaro, e agradecido o termo com que qualificava sua fidelidade; e logo o Principal, que tinha o primeiro logar, se chegou ao altar onde estava o Padre, e lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas, e mettidas entre as mãos do Padre, jurou d'esta maneira — Eu fulano, Principal de tal nação, em meu nome, e de todos meus subditos e descendentes, prometto a Deus, e a El-Rei de Portugal a fô de Nosso Senhor Jesus Christo, de ser (como já sou de hoje em diante) vassallo de S. Magestade, e de ter perpetua paz com os Portuguezes, sendo amigo de todos seus amigos, e inimigo de todos seus inimigos, e me obrigo de assim o guardar, e cumprir inteiramente para sempre. Dito isto, beijou a mão do Padre, de quem recebeu a benção, e foram continuando os demais Principaes por sua ordem na mesma forma. Acabado o juramento, vieram todos pela mesma ordem abraçar aos Padres, depois, aos Portuguezes, e ultimamente aos principaes das Nações Christães, com os quaes tambem tinham até então a mesma guerra, que com os Portuguezes: e era causa muito para dar gracas a Deus, ver os extremos de alegria, e verdadeira amizade, com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que a seu modo diziam entre elles — »

Não se diga, porém, que só aos Jesuitas foi dado pela Providencia o firmar na opinião dos indigenas a confiança, que deviam ter na cathequese, porque fôr isso offendêr ao zélo, e negar o merito dos Carmelitas Franciscanos, e Mercenários, que tanto se distinguiram nas Missões do Brasil, das quaes ainda restam gloriosos monumentos nos sertões do Amazonas, do Maranhão, e de outras muitas Províncias. Tambem não foi só nos primeiros duzentos annos da descoberta de — Santa Cruz — que aproveitou o sistema de civilizar os Indios por meio da cathequese, sem o emprego das armas, que sempre teve pessimos resultados; porque longe de extirpar a justa desconfiança dos indigenas, e attemperar os sentimentos de vingança, accendiam muito

mais os odios, provocando reacções, que nunca deixavam de aparecer em tempo opportuno, e em lugares desprevenidos. Vem a propósito o que escreverá o sabio Bispo de Pernambuco, nosso patrício, D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, no anno de 1804, dando contas ao Príncipe Regente D. João, do feliz resultado de uma sua cathequese na Província de Pernambuco. Apresentarei um extracto da sua conta ao Regente, para maior clareza da minha opinião. — »

Senhor — Eu venho depôr aos pés de V. A. R. as «armas, que os Indianos barbaros dos sertões de Pernambuco e do Ceará vem por mim tributar á V. A. R. «em signal da sua obediencia, e da sua fidelidade. »

«Aquellos Indianos, restos dos antigos barbaros, que já «em outro tempo foram sujeitos á dominação de Portugal, e que formavam uma parte do exercito do famoso Indiano D. Antonio Filipe Camarão, que na guerra «da expulsão dos Hollandezes daquelle continente se fez «immortal em defesa dos Portuguezes: aquelles Indianos, «digão, depois de serem sujeitos, se tornaram a rebelar e «revestidos da sua antiga barbaridade faziam muitas hostilidades aos habitantes daqueles sertões, e lhes causavam grandes danmos pela destruição das suas fazendas e lavoras, e pela mortandade dos seus gados.»

«Pouco depois que tomei posse daquelle Bispadado, e «do Governo interino daquelle Capitania, de que por V. A. R. fui encarregado, recebi cartas dalguns Comendantes, daqueles sertões, em que davam notícias «das hostilidades que faziam aquelles Indianos, e pediam «se-lhes expedissem as ordens necessarias para serem «authorizados a lhes fazer guerra, como diziam elles era «de costume.»

«Eu, porem, conhecendo pela historia daquellos Indianos, «e pelos factos acontecidos na minha casa, (1) de que a

(1) — Domingos Alves Peçanha, avô materno do Bispo Azeredo Coutinho, governou por muitos annos, e quasi até o fim da sua vida a Província dos campões dos Goitacazes, em muita paz e sosiego; e à custa de seus bens, e com muita trabalho doméstico a Nação dos Indianos Goitacases, ou chamados — Coroados e Coropóques, Nação poderosa, e a mais guerreira daquelle costa, e que nunca tinha sido sujeita por alguma Nação Europeia, nem Brasiliense, como atestam todos os Historiadores que escreveram sobre a barbaridade daquelle Nação. O Padre Angelo Peçanha, irmão da mãe do Bispo, é

« guerra feita aos Indios, além de ser um novo meio
« violento é sempre ruinosa, não só aos Indios, mas ainda
« aos mesmos que lhes fazem a guerra, que quasi nunca
« é decisiva; e a paz por ella feita nunca é segura; e
« que o unico meio que ha para os domar são as armas
« da beneficencia, e charidade, que formam o caracter e a
« base da nossa Sancta-Religião, armas com que elles
« tantas vezes tem triumphado da mesma barbaridade;
« propouz a aquelle governo para que mandasse, como
« mandou, aos ditos Commandantes, que sustassem em
« todo o procedimento contra os ditos Indios até segunda
« ordem; e conhecendo as boas qualidades e virtudes do
« Missionario Barbadiño Italiano Fr. Vital de Fresca-
« volo, lhe concedi as facultades necessarias para instruir,
« cathequizar, baptizar, e administrar todos os Sacra-
« mentos aos novamente convertidos, e, o encarreguei
« daquelle Missão com todas as ordens necessarias para
« que aquelles habitantes lhe dessem todo o auxilio de
« que elle precisasse.

« Esta Missão foi abençoada por Deus, pois què emfim
« se conseguiu tudo quanto se desejava, como consta das
« cartas do mesmo Missionario, que com esta tenho a
« honra de pôr na Augusta Presença de V. A. R., e esta
« conquista, por si mesmo de uma grande utilidade para
« a Igreja, e para o Estado, é tanto mais apreciavel,
« quanto ella foi feita sem se derramar uma só gotta de
« sangue,

« Os mesmos Indios deram por motivo da sua rebellião
« os 'môs tratamentos que tinham recebido daquelles
« moradores, que até os fizeram recoller em um pateo
« debaixo do pretexto da Religião, e os fizeram passar á
« espada, como diz o mesmo Missionario na sua carta
« junta de 4 de Setembro de 1802; eu não sei quaes foram
« os primeiros aggressores; porque este facto foi acon-

sus custa, e com muitos riscos da sua vida pelos annos de 1758 atra-
vessou dos Campos dos Goitacazes ate as Minas Geraes pelo meio
de Nações barbares, por serrões intrinaveis, e nunes até entâos pis-
dos por algum Portuguez, para ir fazer, como fez, a paz daquelle
Nação (que só d'elle confiava) a favor dos moradores das ditas Minas,
e principalmente da Cidade de Mariana, e do Villa-Rica; os quaes
eram muitas vezes surprehendidos, por aquelles Indios; por cuja
causa tinham já muitos dos seus moradores desamparado as suas
terras, fazendas e ricas lavras de ouro.

« tecido, segundo me disseram, ha mais de 20 annos, « quando eu alli ainda não estava: mas comtudo não « pôde haver alguma razão attendivel para se fazer seme- « lhante procedimento; e muito meios debaixo do sa- « grado nome da Religião.

« Aquelles Indianos, ainda que poucos em numero, são « comtudo restos de quatro diferentes Nações barbaras, « que conservando-se na sua rebellião entre serras e bre- « nhas incultas, seriam de terríveis consequencias para o « Estado, por isso que elles facilmente fogem, levando « eomsgo armas e bagagem, quando encontrão maior « força; e tornam de repente sobre os seus inimigos des- « cuidados, queimando as seáras e as plantações, sem « perdoar nem ainda as vidas mais innocentes: os negros « da illa de S. Domingos acabam de dar ao mundo um « exemplo terrível destas surprezas; aquelles Indianos se- « riam o ponto de ajuntamento, e apoio dos negros fugi- « dos, e ainda dos brancos descontentes, se elles existis- « sem por muito tempo na sua rebellião.»

Para não alongar demaziadamente esta Memoria, dei-
xarei de transcrever, em prova de que é preferivel o
sistema de cathequese e de bem entendida brandura ao
de força (2), que era o dos conquistadores, o que tem
escrito a tal respeito os benemeritos Militares *Ricardo*
Franco d'Almeida Serra, e *Thomaz Guido Martiote*, que
por mais de vinte annos possuiram a maior confiança
de indomitos indigenas, aquelle nas fronteiras de Matto-
Grosso, tratando com *Guaycurus*; este nas margens do
Rio-Doce, lidando com os *Botocudos*. A nossa Historia
esta cheia de exemplos da boa fé, com que os Indies do-

(2) Não se entenda que é minha opinião que entrem os Missionários em suas tarefas Apostolicas unicamente armados da Cruz e do Evangelho, e que privem os exploradores barbaridade dos indigenas, irritados pola nossa invasão, perseguição e morte. As Missões devem apoiar-se nas armas para que sejam respeitadas, e dessa arte tirar-se aos Indianos a tentação habitual de seus cometimentos; porém as armas devem ser para defesa, segurança, e res-
peito, e nunca para abrirem caminho às doutrinas de paz e de luxo, que se lhes devem pregar. As armas alaua disto, confiadas de homens prudentes, devem servir para defesa das missões cathequizadas, pois que muitas Nações Indianas descerão das brenhas a procurar-nos, fugindo à perseguição de seus inimigos conterrâneos bem como acontecerá aos ferocios Botocudos nas margens do Rio-Doce; por isso, quando vi-
rem que da nossa amizade lhes resulta paz e defesa, elles de bom
grado respeitarão as nossas Missões, ouvirão as doutrinas Evangelicas,
dando tempo à desejada civilisação, e aos novos hábitos da vida social.

Brasil cumprem os seus deveres em nossa amizade, em quanto a ambição e perfidia dos nossos os não obrigam a vingar suas offensas; e apezar mesmo de sua habitual barbaridade nós lhes devemos grandes serviços pela sua poderosa coadjuvação em muitos lances de aperto; lers-se-hão sempre nas páginas da Historia Brasileira, com respeito e admiração, os nomes de um *Tybericd*, de que fizerá em nosso favor nos campos de Pyratininga; de um *Araraigboia*, nas matas do Espírito-Santo, e nas praias de Nitheroy; de um *Camarão* nas planícies de Pernambuco, e de outros muitos Índios de fidelidade, brio, e valor igual ao dos nossos heróes, a cujo lado combateram.

Eu disse que cumpria aproveitar tantaos filhos das brechas, que ainda existem nos sertões do Brasil, e empregar o maior desvelo na educação de seus filhos, por que destes é mais possível esperar o adiantamento da sua civilisação. Mas para se conseguir estes dous fins são precisas algumas disposições, que passo a lembrar. Primeiramente: o ensino da língua dos Indígenas é indispensável á sua cathequese; e a experiência tem mostrado, desde a descoberta do Brasil, quão poderoso tem sido este meio de comunicação entre povos tão distantes na escala social.

As verdades do Christianismo, que se lhes anunciamavam no seu próprio idioma, penetravam mais facilmente nos seus corações, e os faziam render prompta adoração á Cruz e ao Evangelho. Os indígenas que, nesta parte da America, quasi que não dão sinaes alguns de que reconhecem um Deus Creador do Universo, e nos quaes todavia vislumbram idéas do Diluvio Universal, da imortalidade da alma, e até de um espírito máo, que os fustiga e persegue, a ponto de mudarem continuamente as suas palhocas, remedio unico de escaparem, no seu sentir, ás perseguições do seu diabo, ou — *Anhám* —, os indígenas, com muita docilidade abracam as doutrinas religiosas, que lhes são oferecidas em sua língua, por que elas lhes abrem uma esfera maravilhosa, descobrindo-lhes cousas, a que não podiam chegar pela curteza de suas idéias. Nestes homens broncos é mais

facil a cathequese, de que em outras Nações, que já possuem algum sistema de Religião. As verdades, que se lhes inculcam, não tem que destruir inveterados prejuízos, herdados de seus primeiros paes; elas pelo contrario, encantam pela novidade, e arrebatam pelas solemnidades do Christianismo, que infundem respeito e veneração, e muito mais quando são acompanhadas de canticos e instrumentos musicos, de que os nossos indigenas são extraordinariamente apaixonados.

E' por tanto de absoluta necessidade que se faça aprender a lingua Brasileira aos que tem de missionar aos nossos Indios, ou de lhes servir de interpretes em suas tarefas Apostolicas. O estudo desta lingua fez um dos principais esmeros dos Missionarios Jesuitas, e por isso tanto adeantaram a Religião do Crucificado nas matas do Brasil. Existem ainda Grammaticas, Dicionarios, Cathecismos, Livros de Orações, e Dialogos instructivos, com que se habilitavam esses primeiros incangáveis Missionarios do Brasil; e a Historia nos mostra em muitas das suas paginas, que sempre em seus mais furiosos acometimentos os Indios poupavam os que fallavam a sua lingua. (3) Como será possivel ensinar-se-lhes verdades novas e sublimes, sem este meio indispensável de communication? Como compreenderão elles o que não entendem, por que é muito diferente o seu idioma? Uma das primeiras gracas, que o Espírito Santo infundiu nos Apostolos, que deviam levar a Cruz e o Evangelho ao conhecimento e adoração do mundo, foi o dom das linguas; e assim tambem uma das indispensaveis condições para a cathequese dos indigenas deve ser o conhecimento da sua lingua.

D'aqui se pode deduzir a necessidade de se crearem, em varios pontos do Brasil, collegios, nos quaes se ensinem não só a lingua dos indigenas, como tambem aquellas

(3) — Poderiamos citar muitos factos em prova desta verdade; mas só lembraremos uns assaz recomendáveis, que nos referem à lingua dos primeiros Historiadores do Brasil. D. Fernão Vaz Fernandes, primeiro Bispo do Brasil, voltando da Bahia para Lisboa, deu à costa no baixo do Porto, que chamo dos Franceses, junto ao Rio de S. Francisco, em 10 graus austrais, em dias de Junho de 1556; e ahi com Antonio Cardoso de Barros, e mais de noventa pessoas scrivio de pasto à torcidade dos Indies Cayés, escapando unicamente dous comparsistas por que fallavam a essa lingua.

cousas, que devem formar o carácter de um verdadeiro Missionario. Este ensino, que eu julgo indispensável à execução de qualquer plano de Cathequese, que se adopte, deve ser baseado em princípios da Religião, e de sua senda moral; por que mal poderão colher fructos de conversão, de paz, e de sociabilidade aquelles, que não conforparem suas ações com as doutrinas que pregam.

Depois da necessidade de se aprender a língua dos Indianos, vem logo outras, que bem succinctamente apontarei. A sua educação divide-se em duas partes bem distintas, a dos adultos, e a das crianças. A aquelles, como mais fortemente habituados á vida errante e selvagem, se devem proporcionar idéas e trabalhos, que os vão tirando de seus erros, e de suas correrias. A prudência aconselha neste caso, que fazendo-os entrar no conhecimento dos commodos da sociedade, elles irão sahindo melhor do estado da natureza, amando a propriedade, e formando estabelecimentos, e povoações debaixo de certas relações policiais, que a Religião fará respeitaveis. (4) Neste andamento de civilização, tambem aconselha a prudência que se criem nos adultos indigenas algumas necessidades faceis de satisfazêrem-se pelo seu trabalho. E' inegável que em seu mesmo estado errante e brutal, elles aprociam certos objectos, que desejariam possuir em mais abundancia; e o espírito commercial, ou de troca não é tão alheio delles, que não tenhamos visto em toda a costa do Brasil aventureiros Francezes permutedo pelo pão do Brasil, drogas, pelles, e outros productos necessários á industria Europea, os seus tecidos grosseiros e vistosos obras de cuteleria, missangas, guizos etc. Esta verdade, constante da Historia do primeiro seculo da descoberta do Brasil, nos faz crer que com esse mesmo commercio poderemos arrancar das brenhas muitos de

(4)—Escreve um celebre Philosopher moderno, que o estado da Sociedade Civil consegura no mundo, de momento em que se acarrem os termos de felicidade. Os Indianos, filhos da natureza, ainda não conhecem propriedades em sua vida, nem todos os bens lhes são comuns; é preciso, com muito gosto e prudencia fazer-lhes entrar na posse exclusiva dos commodos que resultam do trabalho, e da posse exclusiva dos seus fructos. Esta operação mal se consegue pelo exemplo do que pela doutrina; e se forem aldeados com divisão de famílias e de terras, ganhando maiores commodos á proporção de seus trabalhos, e administradas por uma polícia de bôa fé e não violenta, a propriedade ganhará raizes, e a civilização fará progressos.

seus habitantes; o commercio tem sido em todos os tempos um poderosissimo instrumento da civilisação dos povos.

Depois desta idéa vem outra, que julgo muito a propósito em nossas circunstancias. Creadas as primeiras necessidades nos indigenas, devem-se tambem crear logo os meios necessarios á sua prompta satisfação; e estes consistem no estabelecimento de officinas grosseiras, que sirvam tambem de escola aos indigenas aldeados, e lhes persuadam o amor do trabalho. Uma fórja de ferreiro, por exemplo, um tear grosseiro, uma serraria, etc. serão tão necessarios aos adultos como as escolas, em que se ministrem a seus filhos as primeiras letras, e a doutrina Christã. Tambem muito aproveitará que os nossos officiaes de officinas se casem com Indias, e os Indios com as filhas desses officiaes, ou com mulheres das povoações mais proximas. Nem será novo vermos em nossos dias reproduzidas as scenas interessantes, das quaes nos fallam os primeiros escriptores do Brasil. O credito, que entre os indigenas gozará na Bahia esse famoso Caracurú, foi mais devido aos vínculos do seu consorcio com uma India extremosa, do que aos effeitos prodigiosos do seu arcabuz; passado o primeiro espanto de seus primeiros tiros, os Indios se acostumarão a ouvir o seu estrondo sem tremer, e sem fugir. Se quizessemos multiplicar factos desta natureza, que se acham espalhados por milhares de memorias impressas e manuscritas, veríeis com toda a clareza que o casamento das Indias com homens de nossa associação tem produzido vantagens preciosissimas á civilisação dos indigenas: um de nossos mais incançaveis Missionarios refere que uma das Indias, casada com um de seus línguas, lhe servira muitas vezes de interprete em seus trabalhos Apostólicos, sendo para notar-se o empenho a que se dava nesta perigosa tarefa, em que Deus parece que a favorecia, por que pelo fervor com que pregava as doutrinas do Padre, atraía mais fortemente as Indias ao gremio da Igreja, do que o lingua seu marido; e as indigenas por ella convertidas tornavam-se como outras tantas Missionarias para com seus maridos e parentes.

Até aqui, Senhores, eu vos tenho expendido as idéas mais geraes que me ocorreram sobre o vosso Programma, evitando o apresentar-vos um plano completo de civilisagão dos Indios, por que essa tarefa não cabe nos limites desta memoria, e poderá ser ainda desenvolvida por uma pena mais habil, e que talvez aproveite algumas das reflexões, que aqui vos apresento. Concluirei lembrando ainda que o melhor systema de civilisação dos Indios do Brasil é o da cathequese. Ela se torna hoje de grande urgencia, até mesmo para os povos da nossa associação, que vivem no interior do Brasil quasi totalmente esquecidos da sancta Religião que professamos. Com magoa vemos que a moral de Jesus Christo, depois de ter adoçado os costumes de povos barbaros, renovando a face do mundo por um systema de civilisação mais digno do homem; depois de ter penetrado os sertões da terra de Sancta Cruz, e de ter ahi formado costumes novos e sanctos, tem retrocedido ao nosso litoral, deixando apôz de si tenebrosos nevocíeros, que esterilizão o nosso abengoado paiz. Lancemos as nossas vistas sobre o que se passa nos sertões de nossas provincias, e confessaremos ingenuamente que tantos males, e tão inauditas barbaridades nascem, em grande parte, da falta de doutrina Religiosa, e do pasto espiritual, que experimentam os nossos povos do Interior. Convém cathequizar os Indios, mas convém igualmente doutrinar os povos que já foram cathequizados. As leis, por mais sabias que sejam, não podem ter vigor onde faltam os costumes; e os costumes adoçam-se ou criam-se muito melhores por meio da Religião, e de seus Ministros. Crieam-se escolas de cathequese, com estudos necessarios, e aparecerão Missionarios respeitaveis, que fagam fructos de desejada conversão.

Eis a minha opinião sobre o vosso Programma.
